

# Marília sem Dirceu?

GILSON CARONI FILHO  
SOCIÓLOGO

A manutenção de alguns preceitos econômicos do bloco político anterior não pode embaçar a visão dos analistas mais atentos. O anúncio do aumento da meta de superávit primário em 2004 de 4,25 para 4,5% do PIB brasileiro reflete a preocupação do governo petista com ajuste fiscal e controle da inflação. Não há nenhum compêndio que defina tal orientação como sendo uma inclinação à direita. De fato, não há registro na história do que venha a ser uma política macroeconômica de esquerda. Em nenhum país ocidental, um governo de extração democrático-popular logrou reformular radicalmente mecanismos regulatórios dentro dos marcos capitalistas. A ruptura clamada pelos principistas de plantão, se não for acompanhada de ampla sustentação interna e cenário exterior favorável, não leva a outro caminho que não seja o da crise institucional. Tão ansiada pela direita desde o veredito das urnas em 2002.

Como conselheiro, o principlismo deve ser ignorado. Simplificador ao extremo termina por ser o refugo dos que, face à complexidade da sociedade existente, preferem o conforto das palavras de ordem à aridez da análise requerida. Os que as-

sim procedem não combatem, capitulam. Não afirmam, vituperam. Fogem da história concreta como o diabo da cruz.

Sancionados pela "boa consciência" e amparados pelo purismo paralisante têm nostalgia do útero acolhedor: o gueto perdido em que a melodia da "Internacional" embalava sonhos justos e todas as revoluções pareciam possíveis. *Enfants terribles*, acabam por se deixar instrumentalizar pela direita que, através do comportamento inconseqüente de seus supostos opositores, consegue consagrar a ordem do capital como a única realmente factível. Eis o que o esquerdismo tem conseguido ao longo da história: legitimar o que pretende combater. O purismo não leva Marília ao encontro de Dirceu. Acaba por jogar Heloísa nos braços de Virgílio. Ou se preferirem, de Agripino Maia.

Controlar fluxo cambial, avançar na reforma agrária, na redução do superávit primário e, quando for necessário e, acima de tudo possível, renegociar com organismos multilaterais a partir de uma posição de bloco regional são imperativos históricos. No entanto, urge reconstruir a nau para a travessia desejada. São áridos os caminhos que nos levarão a conseguir defender as demandas nacionais com estratégias econômicas distintas. Tal como des-

tacou o professor José Luiz Fiori "os países mais fracos só conseguiram defender os interesses do seu capitalismo, bem como os de sua população, se forem capazes de construir suas próprias estratégias comerciais, junto com políticas macroeconômicas adequadas ao seu nível de desenvolvimento e aos seus objetivos nacionais". Para tanto, não se pede etapas, mas compreensão do tempo histórico. Por que o radicalismo pequeno-burguês da classe média brasileira, tão indulgente nos quatorze anos de desmonte do setor produtivo, se mostra tão irascível com um governo que mal completou três anos? Senso de urgência histórica ou arrivismo de ocasião?

Se alguém ainda insiste na tese de continuísmo entre o governo anterior e o atual, deve perscrutar gestos que sinalizam inequívoca inflexão. Amplamente noticiadas, pouco analisadas na sua real significação, as relações entre o Planalto e atores dos principais movimentos e entidades que lutam pela inscrição como sujeitos de direito setores secularmente excluídos são sinais de uma revolução molecular.

A forma como o governo tem interpretado a greve dos bancários é inédita na história do país. Um movimento reivindicatório do mundo do trabalho não é percebido como ameaça à institucio-

nalidade. Não é subjugado em nome do conceito etéreo de governabilidade. Não é sufocado por razões de Estado ou ditames mercantis. O que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva destacou foge ao figurino traçado, até então, pelas elites encasteladas no aparelho de Estado. Ao invés de enxergar na paralisação da categoria uma disfuncionalidade a ser corrigida, nela viu a afirmação da democracia entendida como espaço político de solução de conflitos. "Os trabalhadores fizeram sacrifício quando tinham que fazer. E na medida que o banco anuncia ganhos muito bons é natural que queiram recuperar suas perdas". A essa declaração, Lula acrescentou: "Acho o exercício da democracia fantástico". Essa é a prova cabal que o atual governo faz, como dele se esperava, uma leitura política da economia. Ponto para um governo que sempre entendeu que a guerra é de posição. O que têm a dizer os seus detratores? O pessimismo na inteligência se somado ao otimismo na ação leva Marília a Dirceu. A grita pueril de senhores que gostam de impressional platéias estudantis termina com Heloísa no colo de Virgílio ou Agripino. O último tipo de casal não costuma gerar filhos pródigos.

---

Gilson Caroni Filho é professor-titular de Sociologia da Facha (RJ)